

## RAZÃO E SENTIMENTO NAS FILOSOFIAS MORAIS DAS LUZES BRITÂNICAS

Prof. Dr. Marcos Balieiro<sup>39</sup>

**Resumo:** Ainda que, em nossos tempos, Hobbes seja conhecido principalmente por conta de suas ideias sobre os fundamentos do Estado, seu próprio tempo se escandalizou com o que o autor tinha a dizer sobre a natureza Humana. A consideração de que o homem seria naturalmente avesso à sociabilidade e essencialmente egoísta, de forma que é o amor próprio que motiva todas as suas ações voluntárias, foi motivo de controvérsias bastante intensas. Isso fica evidente não apenas quando se observa que “hobbista” passou a ser um termo pejorativo, mas também pelo fato de boa parte do debate sobre os fundamentos da moral na filosofia britânica dos séculos XVII e XVIII ter se configurado como uma resposta à teoria de Hobbes.

Neste minicurso, trataremos, justamente, de mapear, em três encontros de duas horas, as diferentes posições assumidas nesse debate. Mostraremos, na primeira aula, as maneiras como Ralph Cudworth e Samuel Clarke procuram defender, contra o pensamento hobbesiano, que a realidade das distinções morais estaria garantida por ela ter sido inscrita na própria natureza, diretamente por Deus.

No segundo encontro, dedicar-se-á algum tempo à discussão da teoria moral de Anthony Ashley Cooper, Terceiro Conde de Shaftesbury. Como se sabe, ele teria desenvolvido uma concepção segundo a qual bem e mal morais seriam apreendidos por meio de certos sentimentos particulares, determinados por um *moral sense*. Este permitiria avaliar de maneira efetivamente moral as mais diversas ações, sempre com vistas aos benefícios que o agente causaria para um sistema que envolve toda a humanidade. Por outro lado, haveria, ainda, em Shaftesbury, espaço para conceber um desenvolvimento social da moralidade.

A terceira aula será dividida em dois momentos. O primeiro será dedicado a explicar de que maneira Bernard Mandeville retoma aspectos fundamentais da filosofia hobbesiana, com vistas a defender que o ser humano é motivado, basicamente, pela vaidade, e que características normalmente percebidas como vícios trazem inúmeros benefícios à sociedade. Essas teses, que renderam ao filósofo a alcunha de *Man Devil*, foram pesadamente criticadas por diversos autores. Um deles, Francis Hutcheson, será tema da segunda parte dessa aula, com destaque para a maneira como ele pretende estabelecer, em oposição a Hobbes e a Mandeville, uma versão bastante estrita de uma moralidade pautada por um *moral sense*.

Ao fim, de maneira bastante breve, teceremos algumas considerações sobre as maneiras como David Hume e Adam Smith poderiam ser enquadrados no debate de que as aulas tratarão.

**Palavras-chave:** Razão; Sentimento; Moral; Filosofia britânica moderna; Século XVIII.

---

<sup>39</sup> Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)